

# “Daqui ninguém me tira”

Um cartaz colocado na porta da casa de dona Justina Laura Rosa, 57 anos, revela a disposição de cada uma das 350 famílias que bateram o pé e ficaram no Acampamento da Telebrasília.

“Daqui não saio, daqui ninguém me tira”, diz o cartaz, ao lado da inscrição do número 720 e do carimbo da antiga Shis.

Dona Justina mora com a filha, o genro e netos. Cada um tem o seu pequeno barraco na invasão que parece uma chácara.

“Será uma grande bênção se o acampamento for legalizado”, torce. Dona Justina mora no acampamento há mais de 30 anos. “Só tinha o mato que escondia os marginais”, relembra.

O Acampamento foi criado em 1956 para abrigar os trabalhadores da firma Camargo Correa. Eles participavam da construção de Brasília. **Margens** — Em 1963, o antigo Departamento Telefônico Urbano e Interurbano (hoje Telebrasília) passou a ocupar as margens do Lago Paranoá, na Asa Sul, batizando definitivamente o local.

Com a saída de mais da metade dos moradores, ainda no governo Roriz, a escola e a igreja foram destruídas. Um templo da Assembléia de Deus foi reconstruído e se transformou na única obra com tijolos da invasão.

“A primeira coisa que vou fazer é construir a minha casa”, avisa Maura de Deus Vieira, 53 anos, confiante na legalização da invasão. Os vizinhos do acampamento, no entanto, não concordam com a fixação das famílias no lo-



*Justina: “A legalização será uma bênção”*

cal. “Temos tido muitos problemas, sobretudo com relação ao tráfico de drogas”, reclama a prefeita da 416 Sul, Maria Regina Santos.

Nos fundos da invasão, separada pelo Lago Paranoá, fica o Lago Sul. O comerciante Sérgio Rocha de Faria, morador do conjunto 5 da QL 2, consegue ver a invasão de sua casa.

“Sou contra a fixação porque aquele não é local propício para uma área residencial. É um lugar muito privilegiado para ser cedido dessa forma”, opina.